

[FEIRA INTERNACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA

ARTES

Até Santana apareceu na abertura da Arco 2006

A 25ª edição da Arco foi ontem inaugurada pelos Reis de Espanha, com o ex-primeiro ministro Santana Lopes na comitiva VIP, a convite da direcção do evento e de altos dignitários de Madrid. A feira melhorou em relação a 2005, está um pouco mais ousada. E já antes da abertura ao público havia bolinhas vermelhas de "vendido" em obras de artistas portugueses

Paula Lobo, em Madrid



Vinda de Ponta Delgada

Fátima Mota, directora da Fonseca Macedo, tem razões para estar satisfeita. É a primeira vez que a galeria de Ponta Delgada participa na Arco (tal como a 24B e a Plumba), e ontem já registava vendas. Uma pintura de Victor Almeida (2600 euros), um vídeo do também açoriano Ruben Verdadeiro comprado pela Fundação PLMJ (preço ainda a acordar, por não ser o que está em exibição), outra pintura de Sofia Areal (10 750 euros), um desenho do norte-americano Tom Flint (600 euros) e o enorme desenho a tinta da china à entrada do stand, do jovem moçambicano Celestino Mondlane, "descoberto" na Arte Lisboa. "Acredito que a arte africana vai ter um papel muito importante", diz a fundadora da galeria criada em 2000, acrescentando que "o gosto pessoal e a valorização dos artistas" guiam o seu instinto para o negócio. Em Madrid com o apoio do Governo Regional dos Açores (que pagará "parte" dos 20 mil euros investidos no stand), a Fonseca Macedo foi convidada para regressar ao Foro Sur, a feira de Cáceres, pela terceira vez consecutiva.

EPA/usa/Anja Ditz

Arte | Escultura de tubarão feita de pneus, exposta numa galeria sul-coreana presente na Arco, que abriu ontem oficialmente ao público na capital espanhola

líticas". Compreendido. E ainda bem que a visita estava quase no fim, porque daí para a frente a distância foi imposta com rigor marcial.

Santana na comitiva

Acompanhados pela direcção da feira, ministra da Cultura, presidente da comunidade de Madrid, personalidades da cultura e colunáveis, os reis fizeram o habitual: visitaram stands espanhóis e do país convidado - este ano é a Áustria -, cumprimentaram galeristas, fizeram perguntas sobre certas peças. Na galeria portuguesa Cristina Guerra, por exemplo, acharam "muito cómoda" uma cadeira de Erwin Wurm que já esteve no Museu do Chiado. Mas não se sentaram para alinhar na *performance* que dá sentido a essa obra do artista austríaco.

Isabel Pires de Lima, a nossa ministra da Cultura, só hoje visitará as galerias nacionais na Arco. Pedro Santana Lopes, que é *habitué* da feira desde os tempos em que foi secretário de Estado da Cultura, antecipou-se.

Segundo disse ao DN, tinha uma "viagem profissional" de advogado e resolveu aceitar o convite da direcção do evento e dos altos dignitários da cidade, seus amigos. Aproveitando para fazer compras na feira? Não, porque "a disponibilidade de orça-

mento nunca o permitiu". "Quando estava em funções oficiais nunca gostei destes empurrões", garantiu, mas o que é certo é que aguentou até ao fim. E sempre de perto.

Liberdade de expressão

A Arco melhorou em relação ao ano passado. Está um pouco mais ousada. E o difícil equilíbrio entre arte di-

Revista 'W-Arte' na Arco

A *W-Art* volta a mostrar o que vale. Única publicação portuguesa na feira, lança na Arco o primeiro número do ano - há três, e coincidem com as feiras de Madrid, Basel e Arte Lisboa. Sem apoios, como o que até 2005 recebiam do IPLB, que comprava exemplares para as bibliotecas públicas. Fundado no Porto em 2003, editado pela Mimesis e dirigida por Miguel Amado e Alexandra Moreira, o título vive da teimosia. "É muito difícil manter um projecto destes", refere Alexandra Moreira, explicando que vêm à Arco "pelas vendas e os contactos para promoção" de uma revista que insiste em divulgar no estrangeiro a arte feita em Portugal.

gital ou instalações e os suportes tradicionais da pintura, escultura e fotografia (tão ao agrado do gosto mais conservador de alguns coleccionadores privados), parece ter sido conseguido.

Oscar Seco, artista madrilenho representado pela Ferrán Cano, é um nome que se destaca, com a maquete de Cristo a pregar a soldados alemães da II Guerra Mundial, de missil. "É uma crítica contra o poder das religiões", afirmava na edição de ontem o *El Mundo*, e pretende questionar como "qualquer religião levada ao extremo é destrutiva e a liberdade de expressão é sagrada".

Uma "dose de irreverência" feita cinco meses antes da polémica com os *cartoons* de Maomé, mas que hoje se aprecia com outros olhos.

Em quase 23 mil metros quadrados, há estímulos sonoros, vídeos e LED, *grafiti*, colagens, obras de papelão e bordados, quadros de misangas e areia ou muita fotografia em suportes como o plexiglas. Antes da abertura ao público, já havia muitas bolinhas vermelhas de "vendido", nomeadamente, em artistas portugueses. De Julião Samento (a série de fotografia *American Landscape* foi comprada pela Fundação Coca-Cola Espanha, juntando-se a um acervo de mais de 300 obras

portuguesas e espanholas) a um DVD de Rui Calçada Bastos ou duas cabeças de touro cobertas em *crochet* por Joana Vasconcelos.

O Reina Sofia e o CCB

Só hoje o comité de compras do Museu Reina Sofia decidirá. Mas é muito provável que leve da galeria Jeanne Bucher uma pintura de Vieira da Silva. "É um vazão da colecção que gostaria de preencher", admitiu ao DN a directora, Ana Maria Aguilar, sem revelar o orçamento. Dizendo apenas que em 2005 as aquisições rondaram um milhão de euros.

O Reina Sofia, a par da Fundação La Caixa ou do Museu Thyssen, são instituições que o CCB quer ter como parceiras, adiantou António Campos Rosado, director do Centro de Exposições, acabado de chegar à feira depois de uma reunião no Reina para acertar a co-produção de uma grande exposição de Gordon Matta Clarke (em Lisboa, no final do ano). Minutos depois, tinha reunião com a galerista Helga de Alvear (cuja colecção será exibida no CCB, já este Verão).

A questão é estratégica: "Não podemos estar de costas voltadas. Espanha é muito importante e é preciso estabilidade para programar a três ou quatro anos".

O lha o Santana Lopes!", exclamou alguém sem conter a perplexidade. Os Reis de Espanha acabavam de entrar, os *flashes* disparavam para a "foto de família", e o ex-primeiro-ministro português ali estava. A acompanhar a comitiva VIP que ontem, durante duas horas, cumpriu a tradicional visita à Arco. Entre propostas tão variadas como um Cristo a pregar de missil na mão ou um coração gigante cravejado de algodão doce, passando pela quebra de protocolo que enervou os seguranças quando a rainha Sofia falou ao DN e ao *Público*, assim foi inaugurada a 25.ª edição da feira de arte contemporânea de Madrid.

Num momento de descontração junto à galeria espanhola Helga de Alvear, a rainha, que se tinha afastado do rei, sorriu e respondeu: "Gosto muito de vir à Arco. Há sempre coisas boas para ver, novas ideias que aparecem". Nada de bombástico, mas foi o suficiente para agitar os homens de fato com o símbolo da Casa Real ao peito. "Não se pode fazer perguntas. Por causa das perguntas po-